

## ANGÚSTIA: UMA LEITURA A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE GRACILIANO RAMOS

Valeska Limeira Azevedo Gomes  
Departamento de Letras - UFRN

**Resumo:** Esta pesquisa intenciona estudar como a obra ficcional *Angústia* (1936), articulada às obras autobiográficas *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953), escritas por Graciliano Ramos, se configura. Nesse aspecto, a leitura empreendida verifica esse romance tanto como um construto de um perfil pessoal e político do autor em confronto com o sistema como também um texto autônomo, rico de entendimento e sem, necessariamente, estar limitado a relações autobiográficas. Serão exploradas algumas passagens dos textos literários e percepções sobre a escrita e o autor, a família, a prisão e o crime, com o objetivo de analisar a narrativa *Angústia* em sua pluralidade de relações discursivas com as obras de memórias em questão e com o panorama histórico no qual está circunscrita. Para tanto, contamos com o respaldo teórico dos críticos Antonio Candido (1992), Michel Foucault (2002) e outras críticas relevantes, para entender de que maneira esse romance se entrelaça com a experiência individual do autor, bem como se amplia à esfera universal.

**Palavras-chave:** Infância; Angústia; Memórias do Cárcere; Memórias.

Graciliano Ramos figura na literatura brasileira como um dos mais importantes escritores do romance moderno da geração de 1930. Sua atividade literária foi intensa até o fim de seus dias, acompanhada dos compromissos e cargos políticos que assumiu (Prefeito de Palmeira dos Índios e a nomeação como presidente da Associação Brasileira de Escritores, por exemplo), de sua atuação na imprensa, no sistema de ensino e de outros fatos, como a sua prisão em 1936. Teve nas dificuldades financeiras e emocionais, nas suas condições de existência e de um povo, os principais motivos de seus livros, quer sejam de memórias ou ficcionais. Essa representação do homem, da sociedade é configurada nas suas ficções de tal modo que contribuem para aguçar a observação do leitor e a possível formação de um papel crítico diante das mazelas, da corrupção, do comportamento humano, do sistema. Em suas obras *Infância*<sup>1</sup> (1945), *Angústia*<sup>2</sup> (1936) e *Memórias do Cárcere*<sup>3</sup> (1953), as narrativas se permeiam, girando em torno da problemática existencial dos seus personagens principais, circunscritos em situações, por vezes, semelhantes ou

---

<sup>1</sup> RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 42ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. **Infância**. 17 ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. **Memórias do Cárcere**. Vol 1 e vol 2. 44 ed. Rio de Janeiro: Record, 1975.

coincidentes, e em um sistema opressor. Por se tratarem do gênero autobiográfico ou autoficcional, *Infância e Memórias do Cárcere* podem fornecer subsídios para conhecer o discurso do autor e, a partir disso, perceber como se construiu e como ele se confunde com a voz do narrador do romance ficcional *Angústia*, partindo dos pressupostos de que o conjunto da obra é um projeto literário mais amplo e estilisticamente marcado.

Antonio Candido se refere à literatura desenvolvida por Graciliano Ramos como uma literatura engajada politicamente, revestida de uma crítica empenhada, capaz de iluminar os pensamentos do leitor. Em *Ficção e Confissão*<sup>4</sup> (1945), livro que reúne o conjunto de ensaios, elaborados inicialmente para jornal e com fins de apreciação analítica muito mais subjetiva do que aparatada por teorias, Candido tece sua leitura e as tentativas de encontrar os motivos centrais, a visão que imprime sobre a obra de Graciliano Ramos. A visão geral que adota para a compreensão de todas as obras parte da leitura de *Infância*, que faz saltar aos olhos do leitor as condições de vida pelas quais passava um nordestino sertanejo de Alagoas que convive com a seca, com os maus tratos da família, agressões físicas, problemas de saúde, educação defasada. É através deste cenário de miséria material e sentimental que autor se mune das letras para denunciar o sistema, as condições de vida, os comportamentos. Álvaro Lins, em seu ensaio *Valores e misérias das vidas secas*<sup>5</sup>, observa que há homens que explicam suas obras, como há obras que explicam seus autores. No caso de Graciliano Ramos, é a obra que explica o homem. Isto quer dizer: o homem interior, o homem psicológico.

Dessa forma, analisar e elucidar como se depara a obra de ficção com as de memórias tem por intuito buscar uma maior compreensão do caráter universal da narrativa *Angústia*, uma vez que os dois sujeitos (Graciliano e Luís da Silva), através de suas experiências individuais, imbricam-se entre si e com a sociedade. Pensando nisso, esta pesquisa pretende mostrar de que maneira a realidade social será transposta para o plano da ficção, fazendo com que seja visualizada uma prática social individual (no caso, a do escritor) como elo para compreensão da ficção *Angústia*.

## Memórias e *Angústia*

O escritor, ao escrever o romance, não transporta para ele os dados fidedignos do mundo, ou seja, em suas obras ficcionais, o real não é reproduzido ou copiado. Partindo disso, faremos uma leitura do romance *Angústia*, tentando não nos limitar em comparações entre ficção e realidade, mas rastreando, na e através dessa obra, algumas óticas impressas em *Infância e Memórias do Cárcere* e por onde perpassam as memórias de Graciliano. Neste ponto, o escritor faz as interpretações e críticas frente ao seu mundo, recriando-o através de sua arte.

As obras de memórias *Infância e Memórias do Cárcere* e o romance *Angústia*<sup>6</sup> tratam de narrativas que se confundem com o autor, com a sua experiência individual, refletindo uma experiência coletiva. *Infância e Memórias do Cárcere* são de períodos

---

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaio sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

<sup>5</sup> BOSI, A.; FACIOLI, V.; GARBUGLIO J.C. **Graciliano Ramos**: Antologia e estudos. Escritores brasileiros, 2. São Paulo: Ática, 1987, p. 261.

<sup>6</sup> CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaio sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

diferentes e complementares da vida do autor. *Angústia* recolhe um tanto dessas memórias e é lançada no período em que estava preso, ano de 1936. A seguir, algumas breves notas sobre as narrativas.

Em *Infância*, são narradas, em trinta e nove capítulos intitulados, passagens da vida do menino Graciliano. São memórias marcadas pelo medo, como expressou o menino: “Foi o medo que me orientou nos primeiros anos...” (RAMOS, 1981:14), onde podemos situar o sertão nordestino do início do século 20 e averiguar, além das relações mediadas pelo medo, o embrutecimento, a ignorância e a rudeza dos pais e das pessoas, a lembrança dos episódios do passado acompanhada de reflexões e críticas do presente, como por exemplo, no capítulo “O inferno”, em que ao indagar a mãe se existe inferno, o que é e se alguém já esteve lá, o menino é repreendido e, reflete ao escrever as memórias: “Ainda não me havia capacitado de que se descrevem perfeitamente coisas nunca vistas” (RAMOS, 1981:80), o temor e terror à escola e à igreja pelo seu caráter regulador, opressora e imponente:

O lugar de estudo era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício uma crucificação [...] Não há prisão maior do que escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram. Abandonei os cadernos e auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim, aos nove anos ainda não sabia ler. (RAMOS, 1981:200)

No capítulo “Um incêndio”, ao ver um cadáver em uma cabana incendiada, fica perturbado. Seus pais, na tentativa de acalmá-lo, exprimem: “Mas era a vontade de Deus, estava escrito. E podia ser pior, muito pior. Se se tivesse queimado a igreja, ou a loja de seu Quinca Epifânio, a mais importante na vila, o dano seria tremendo” (RAMOS, 1981:93). Através dessa passagem, podem ser decodificados os sentidos da existência humana, qual seja, o indivíduo pouco ou nada vale. O comércio e a instituição religiosa não só ganham, mas tomam a importância dos seres humanos.

É nessa obra que se guarda a chave de entendimento para as demais:

Lendo *Infância*, concluímos que os livros de Graciliano Ramos se concatenam num sistema literário pessimista. Meninos, rapazes, homens, mulheres; pobres, ricos, miseráveis; inteligentes, cultos, ignorantes - todos obedecem a uma fatalidade cega e má. (CANDIDO, 1992:53)

Em *Memórias do Cárcere*, é descrita a experiência pessoal do autor, conforme aponta Nelson Werneck Sodré<sup>7</sup>: “Metido no porão do navio, misturado aos criminosos na Correção, conduzido ao presídio da ilha, tendo a cabeça raspada, tornado farrapo humano pela miséria física, assistindo aos espetáculos mais sórdidos...” (p. 289), como também documenta o período em que o autor e outras pessoas estiveram na prisão durante o Estado Novo, testemunhando, por meio da vivência do próprio autor, a realidade carcerária, a censura, o fascismo, a situação daquelas pessoas sem destino, entulhadas em navios, nos

---

<sup>7</sup> BOSI, A.; FACIOLI, V.; GARBUGLIO J.C. **Graciliano Ramos**: Antologia e estudos. Escritores brasileiros, 2. São Paulo: Ática, 1987, p. 289.

pavilhões, alojadas em porões, sujeitas às piores condições de alimentação, higiene, sofrendo torturas, privações, além de não saberem exatamente o porquê de estarem ali, conforme manifestou Graciliano: “Havia qualquer suspeita contra nós? Não havia. Tínhamos entrado em desordem? Não tínhamos. Éramos inimigos de barulhos? E então. Porque estávamos ali? Hem?” (RAMOS, 1975: 21)

Graciliano enxerga o homem, em meio à repressão, como um ser pessimista, desencorajado, sem esperança e com possibilidades de existência ruins, anuladas.

O mundo se tornava fascista. Num mundo assim, que futuro nos reservariam? Provavelmente não havia lugar para nós, éramos fantasmas, rolariamos de cárcere em cárcere, findariamos num campo de concentração. Nenhuma utilidade representávamos na ordem nova. Se nos largassem, vagariamos tristes, inofensivos e desocupados, farrapos vivos, fantasmas prematuros; desejaríamos enlouquecer, recolhermo-nos ao hospício ou ter coragem de amarrar uma corda ao pescoço e dar o mergulho decisivo. Essas ideias, repetidas, vexavam-me; tanto me embrenhara nelas que me sentia inteiramente perdido. (RAMOS, 1981:262)

Em entrevista intitulada de *Auto-retrato aos 56 anos*, declarou-se ateu, odiar a burguesia e desejar a morte do capitalismo, sugerindo um tipo de anulação ao que era da ordem do dia: a crença religiosa, o apego a simbologias espirituais, a burguesia que tomava cada vez mais corpo na sociedade. Ele observa o ser humano no cárcere sem um lugar para si mesmo. Há apenas corpos sofrendo vexame e humilhação. É interessante notar que a menção a “Essas ideias repetidas, vexavam-me...”, no trecho supracitado, conflui com *Angústia*, como será explicitado posteriormente.

Em *Angústia*, a personagem principal é Luís da Silva, um nordestino que reconstrói seu presente através da lembrança angustiante e tortuosa que vive ainda nele.

A narrativa não flui, como nos romances anteriores. Constrói-se aos poucos, em fragmentos, num ritmo de vaivém entre a realidade presente, descrita com saliência naturalista, a constante evocação do passado, a fuga para o devaneio e a deformação expressionista. (CANDIDO, 1992:80)

Visualizam-se as opressões, as dificuldades por que passou (pedir esmolas, dormir em bancos de praça, chegar a ser funcionário público, contrair muitas dívidas), a observação das pessoas à sua volta, a paixão tida por Marina e o rompimento dela para se relacionar com Julião Tavares, os acontecimentos conectados à morte de pessoas, como no caso do assassinato que comete contra Julião Tavares, e conectados à morte de pessoas que já morreram, como no caso do seu pai Camilo e do seu avô Trajano. “Enxoto as imagens lúgubres. Vão e voltam, sem vergonha, e com elas a lembrança de Julião Tavares. Intolerável. Esforço-me por desviar o pensamento dessas coisas. Não sou um rato, não quero ser um rato. Tento distrair-me olhando a rua.” (RAMOS, 1994:98) Marina era a pretendida de Luís, chegou a pedi-la em casamento, mas isso não se realizou porque ela o abandona para ficar com Julião Tavares. Estando grávida, é deixada por Julião e aborta o

filho. A partir de então, Luís se concentra na ideia de matar o seu antagonista. Executa essa ação, e passa a viver atormentado num tempo cíclico, remoído, angustiante.

### ***Angústia* entre memórias**

Mencionadas as obras, partiremos para algumas considerações a fim de compor a análise do romance *Angústia*. O livro *Infância* é de memórias, mas poderia ser lido como um livro de ficção:

A sua fatura convém tanto à exposição da verdade quanto da vida imaginária; nele as pessoas parecem personagens e o escritor se aproxima delas por meio da interpretação literária, situando-as como criações. (CANDIDO, 1992:50)

O processo de recriação da vida se dá em toda biografia do escritor. A própria escrita, nesse sentido, assume-se como um gesto da vida, podendo negar, destruir, banalizar e salvar a si mesma. Para isso, Graciliano, o autor - proprietário da sua escrita e sujeito experienciador – são abalados. As narrativas autobiográficas, naturalmente, estão vinculadas à subjetividade do escritor, no caso de *Infância* e *Memórias do Cárcere*, e não exibem somente o drama pessoal, mas vão além, do individual passam ao coletivo e universal. A escolha pelo narrador em primeira pessoa aponta uma semelhança entre aquilo que o escritor conta de si mesmo em *Infância* e a vida de Luís da Silva. Na figura do autor, há a possibilidade de explicar tanto a presença de certos acontecimentos numa obra como as suas transformações, as suas deformações, as suas modificações diversas (e isto através da biografia do autor, da delimitação de sua perspectiva individual, da análise de sua origem social ou da sua posição de classe, da revelação do seu projeto fundamental). Para Foucault (2002)<sup>8</sup>, o sujeito e a sua representação passa a motivo único, e o mundo é a sua propriedade. Percebe-se que a heroicidade em relação ao mundo tende a se refugiar num tipo de homem que é complementar do sujeito burguês, embora o negue aparentemente. Em *Angústia*, Luís escrevia para o governo e elogiava-o: "Escreva assim, seu Luís. Seu Luís obedecia. — Escreva assado, seu Luís. Seu Luís arrumava no papel as idéias e os interesses dos outros". (RAMOS, 1994:142). Na verdade, as opiniões dele eram outras, somente demonstradas quando estava em casa, com suas divagações, na sua solidude e, eventualmente, nas conversas tidas com Moisés.

A infância do menino Graciliano converge com a infância de Luís: interagiam com as personagens Padre Inácio e Antônio Justino, ouviam a cantilena dos sapos, brincavam sozinhos, eram tratados mal, com indiferença e agressão: "Situações deste gênero constituíram as maiores torturas da minha infância, e as consequências delas me acompanhavam". (RAMOS, 1981:33)

A minha educação estúpida não admitia que um ser humano fosse batido e pudesse conservar qualquer vestígio de dignidade. Tiros, punhaladas, bem: se a vítima conseguia restabelecer-se, era razoável andar de cabeça erguida e até afetar certo orgulho: o perigo vencido, o médico, a farmácia,

---

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

as vigílias de algum modo a nobilitavam. Mas surra – santo Deus! – era a degradação irremediável. Lembrava o eito, a senzala, o tronco, o feitor, o capitão-de-mato. O relho, a palmatória, sibilando, estalando no silêncio da meia-noite, chumaço de pano sujo na boca de um infeliz, cortando-lhe a respiração. E nenhuma defesa: um infortúnio sucumbido, de músculos relaxados, a vontade suspensa, miserável trapo. Em seguida o aviltamento. É assim na minha terra, especialmente no sertão. (RAMOS:1975:195-196)

O ambiente de não-afeto, a punição, a escola, a família, o poder e a perda do poder representam atrasos e humilhação para o menino Graciliano e Luís. Disso decorre a existência de um escritor-narrador pessimista, amargo, cético:

Não consigo escrever. Dinheiro e propriedades, que me dão sempre desejos violentos de mortandade e outras destruições, as duas colunas mal impressas, caixilho, dr. Gouveia, Moisés, homem da luz, negociantes, políticos, diretor e secretário, tudo se move na minha cabeça, como um bando de vermes (RAMOS, 1994: 98)

Nas *Memórias do Cárcere*, o processo de escrita é relevado:

Realmente há entre os meus companheiros sujeitos de mérito, capazes de fazer sobre os sucessos a que vou referir-me obras valiosas. Mas são especialistas, eruditos, inteligências confinadas à escrupulosa análise do pormenor, olhos afeitos a investigações em profundidade. Há também narradores, e um já nos deu há tempo excelente reportagem, dessas em que é preciso dizer tudo com rapidez. Em relação a eles, acho-me por acaso em situação vantajosa. Tendo exercido vários ofícios, esqueci todos e assim posso mover-me sem nenhum constrangimento. (RAMOS, 1975:8)

Luís da Silva sonha em ficar famoso com a publicação de um romance. Nesse caso, o processo de criação literária está vinculado aos conflitos vividos pela personagem:

Faço um livro, livro notável, um romance. Os jornais gritam, uns me atacam, outros me defendem. O diretor olha-me com raiva, mas sei perfeitamente que aquilo é ciúme e não me incomoda. Vou crescer muito... (RAMOS, 1975:132).

Diante desses conflitos, o protagonista muda de ideia, quando finalizado o seu romance e revivido, nas lembranças angustiadas, os momentos com Marina e Julião:

(...) olho com desgosto as vitrines, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beijo, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. Outro larga uma opinião à-toa. Basbaques escutam, saem. E os

autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres das ruas da Lama. (RAMOS, 1994:7)

O livro, para Luís, agora passa a um objeto de consumo, assemelhando-se a uma prostituta, que se vende a quem tiver como pagar. Ele, tal qual Graciliano, são contrários à vontade do capitalista de lucrar.

É a partir da própria visão tida de si, que Luís afirma-se "um molambo que a cidade puiu demais e sujou" (RAMOS, 1994:20). Essa consciência de sua condição é fruto do seu passado no sertão com a família, sendo possível reconhecer que se houvesse nascido em outras condições e tivesse recebido uma outra educação, estaria melhor, pertenceria à classe dominante.

O romance ganha corpo em Maceió, capital alagoana, à semelhança das memórias. Nas duas obras são expostas a crise sustentada pelas transformações de gerações sucessivas e do sistema. O avô era latifundiário, o pai passa pela decadência até o próprio Luís tornar-se miserável, ao ponto de mendigar. Luís da Silva consegue se desenvolver assim, de uma criança mal tratada, que sofre agressões físicas e está jogado no mundo, passa a uma espécie de mendigo, pois chega a dormir em bancos de praça nas ruas até conseguir um emprego de funcionário público. O fato de Marina abandoná-lo para Julião Tavares - homem gordo, patriota, católico, reacionário e burguês, características essas detestadas por Luís – significa a perda no conflito pela posse. Julião, detentor de maior poder aquisitivo, adquiriu a posse do “objeto”, como é sugerido:

Foi a decepção maior que já experimentei. À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele, tão embebida que não percebeu a minha chegada. (RAMOS, 1994:74-75)

Ao ser abandonado, profere: "Se eu não tivesse cataratas no entendimento, teria percebido logo que ela estava com a cabeça virada. Virada para um sujeito que podia pagar-lhe camisas de seda, meias de seda." (RAMOS, 1994:85)

Em *Infância*, estabelece-se também a relação de propriedade, de patrão, do pai para com o filho: "(...) meu pai só me permitia, rigoroso, o suficiente. Isso bastava à minha representação — no colégio, no quinquenário, nas seções da Instrutora Viçosense, de Amor e Caridade, que me elegeram para segundo secretário." (RAMOS, 1981:254)

No trecho abaixo, pode-se fazer analogia à oposição entre a burguesia e os trabalhadores e, conseqüentemente, aos princípios que o autor segue.

Eu era ainda muito novo para compreender que a fazenda lhe pertencia. Notava diferenças entre os indivíduos que se sentavam nas redes e os que se acocoravam no alpendre. O gibão de meu pai tinha diversos enfeites; no de Amaro havia numerosos buracos e remendos. As nossas roupas grosseiras pareciam-me luxuosas comparadas à chita de sinhá Leopoldina, à camisa de José Baía, sura, de algodão cru. [...] Meu pai era terrivelmente poderoso, e essencialmente poderoso. (RAMOS, 1981:30)

É dessa forma que o protagonista se expressa em toda a narrativa. Utiliza termos e opina sobre as pessoas com rudeza e amargura, a parecer estar sempre remoendo a sua decepção de viver/ ter vivido num determinado lugar e a sua mesma condição de existência.

Em *Angústia*, desejo de vingança faz com que Luís siga Julião Tavares numa noite com o intuito de matá-lo, pelo fato de ter sentido todas as humilhações e sofrimento, o que compensava o ato. Ao estrangular Julião e vê-lo morto, Luís vira outra pessoa, não aquela que era submissa às ordens dos outros, sem importância. Estava satisfeito e tomado de forças com sua ação. Não mais tardou e ele entrou numa angústia desesperadora, temia ser seu crime descoberto.

O assassinato pode ser interpretado como uma forma de verificar a imobilidade das estruturas sociais perante esse crime. Após o ato, fica preso nas reminiscências do crime: "Um crime, uma ação boa dá tudo no mesmo. Afinal já nem sabemos o que é bom e o que é ruim, tão embotados vivemos" (RAMOS, 1994:157), pensa Luís da Silva.

Em *Memórias do Cárcere*, a prisão, criada pela classe dominante, com o intuito de abrigar as minorias, os excluídos é problematizada. Ele não era um preso comum, era um preso político. As condições a que esteve submetido eram as piores: celas superlotadas, misérias, torturas e degradações.

Esse automatismo, renovado com frequência nas cadeias, é uma tortura; as pessoas livres não imaginam a extensão do tormento. Certo há uma razão para nos mexermos desta ou daquela maneira, mas, desconhecendo o móvel dos nossos atos, andamos à toa, desarvorados. Roubam-nos completamente a iniciativa, os nossos desejos, os intuitos mais reservados estão sujeitos a verificação; e forçam-nos a procedimento desarrazoado. Perdemos-nos em conjecturas. (RAMOS, 1975:255)

Em *Infância*, no capítulo venta-romba, o menino Graciliano se compadece ao ver a cena em que seu pai manda prender um mendigo sofrido que entra na casa deles.

Por quê? Como se prendia um vivente incapaz de ação? Venta-Romba movia-se de leve. Não podendo fazer mal, tinha de ser bom. Difícil conduzir aquela bondade trôpega ao cárcere, onde curtiam pena os malfeitores.

— Por quê, seu major?

[...] Fui postar-me na calçada sombrio, um aperto no coração.[...]

Mais tarde, quando os castigos cessaram, tornei-me em casa insolente e grosseiro — e julgo que a prisão de Venta-Romba influenciou nisto. Deve ter contribuído também para a desconfiança que a autoridade me inspira. (RAMOS, 1981:234)

A estrutura social isola esses protagonistas e os submete a um mundo que anseia mudanças. Esse aspecto – o isolamento, a solidão, se configura em vários momentos das narrativas. A solidão torna-se companheira de Graciliano e Luís. Na infância, a criação e a convivência com a opressão tornam o menino sozinho, refugiando-se em si mesmo e nas leituras que fazia: "Eu ia jogar pião, sozinho, ou empinar papagaio. Sempre brinquei

só". (RAMOS, 1982:13) Na prisão, a observar o comportamento dos detentos, analisar as relações entre eles, a não se manifestar, a estar afastado da família, vê-se sozinho: “Estivera ali em 1930, envolvera-me estupidamente numa conspiração besta com um coronel, um major e um comandante de polícia, e vinte quatro horas depois achava-me preso e só”. (RAMOS, 1975:35) O Luís, da mesma forma conhece a solidão, quando seu pai morre. A solidão do personagem condena-o, ele não consegue destruir a máquina capitalista de destruição e a reificação do dinheiro, levando a concluir: “... veio-me a certeza de que me havia tornado velho e impotente. – Inútil, tudo inútil.” (RAMOS, 1994:192)

Apontamos algumas das correspondências e interpenetrações entre as memórias e o romance protagonizado por Luís da Silva. A obra *Infância* aparece como uma chave de leitura para explicar como as personagens, criadas por Graciliano, ganham corpo, como se manifesta a voz do autor, como e por que são estabelecidas certas posições. Nessas memórias, o período da infância, assim como os acontecimentos da vida de Graciliano Ramos e de outras pessoas são revelados. Para tanto, foram utilizados estudos acerca da problemática do sujeito. Considerado repleto de “partes gordurosas corruptíveis” (CANDIDO, 1992:32), o livro *Angústia*, através da personagem principal Luís da Silva, recria o universo de tormento, de frustrações, medo, individualismo e injustiça de um meio social. *Memórias do Cárcere* também segue essa linha de recriação. Esboça de uma forma mais declarada o posicionamento do escritor Graciliano frente à política. Sem uma acusação formalizada, é detido em 1936. Preocupado com a realidade social brasileira, o autor já havia feito trabalhos em que a sua militância política se expõe ao leitor, São Bernardo (1936) e Vidas Secas (1939) são exemplos disso.

As personagens Luís e Graciliano se sobrepõem, são retratados como homens da terra, subordinados a um sistema que visa o lucro, onde as relações pessoais são mediadas pelo dinheiro, o crime e as injustiças convivem harmoniosamente. Portanto, este trabalho buscou mostrar o cruzamento do que se passa nas memórias com o que se passa na ficção do autor. A angústia perpassa toda a obra de Graciliano Ramos. Não se trata somente de uma angústia individual da personagem Luís da Silva, mas de uma angústia ontológica do ser graciliano.

## Referências:

BOSI, A.; FACIOLI, V.; GARBUGLIO J.C. **Graciliano Ramos**: Antologia e estudos. Escritores brasileiros, 2. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaio sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, M. **O que é um autor**. Tradução de J.A.B. Miranda e A.F.Cascais. 4ed. Lisboa: Passagens, 2002.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 42ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

\_\_\_\_\_. **Infância**. 17 ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

\_\_\_\_\_. **Memórias do Cárcere.** Volume 1 e volume 2. 44 ed. Rio de Janeiro: Record, 1975..